

Discurso de tomada de posse do Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Luis Ferreira 12 de outubro de 2021.

Muito obrigado pela vossa presença nesta cerimónia. Para mim representa, mais do que cumprimento de uma formalidade, a demonstração do vosso apreço e o testemunho da elevada consideração que vos merece a Universidade e o cargo que irei desempenhar.

Não consigo imaginar melhor maneira de começar o meu mandato senão na conjugação destas duas Cerimónias: Tomada de Posse e Abertura do Ano Académico, que junta estudantes, docentes, trabalhadores técnicos e administrativos e, também, convidados, familiares e muitos amigos da Universidade e, também, pessoais. Bem hajam.

Quero, em primeiro lugar, manifestar publicamente o meu agradecimento, ao Conselho Geral, e dessa forma à Universidade de Lisboa, pela confiança em mim depositada para o exercício de tão nobres funções.

Assumir o cargo de Reitor é uma honra e simultaneamente uma satisfação, a que corresponderei com todo o meu saber, dedicação e empenho. Sou certamente um privilegiado. Faço o que gosto e acredito no que faço.

O que me move é um **sentido de propósito** de encontrar para a U. Lisboa as melhores soluções para os problemas do presente, mas também para os do futuro. Num trabalho que envolve toda a Comunidade Académica. De ir para além das soluções triviais, procurando coerência, durabilidade e consistência na nossa resposta. Sonho para a U. Lisboa um lugar crescentemente relevante a nível nacional e internacional. Uma marca que identifique não só uma Universidade, **mas uma Cidade e um País**. Que seja motivo de orgulho para todos os portugueses.

Quero aproveitar esta ocasião para cumprimentar o meu oponente nestas eleições, o Prof. Doutor António Pedro Afonso, pela sua disponibilidade para assumir um cargo de tão elevada responsabilidade. Faço-o com a certeza de que continuará a dar o melhor do seu trabalho pela nossa Universidade.

Dou as boas vindas, de forma calorosa, a todos os estudantes que agora iniciam mais um ano letivo. Em especial aos do primeiro ano e aos que, no ano passado, não puderam ser recebidos e integrados nas nossas atividades letivas, científicas e culturais, **como sempre gostamos de fazer**. E de festejar, desde logo, a vossa entrada na Universidade. Sabemos o que isso custa. E o que custa às vossas famílias. Estão de parabéns.

De uma coisa podem estar certos: faremos tudo, tudo, **mas mesmo tudo**, o que estiver ao nosso alcance para tornar os vossos sonhos realidade.

Para quem agora começa esta jornada, venho lembrar a importância da persistência. A persistência é a força que nos ajuda a não desistir diante dos obstáculos e do desalento. Fortalece-nos e ajuda-nos a focar-nos nos nossos objetivos. É a persistência que permite que muitos sonhos se tornem realidade, que muitas descobertas científicas e muitas invenções sejam consagradas. Mais

do que qualquer outro atributo, a persistência, conjugada com a tenacidade, é o que mais distingue os bons estudantes e os bons investigadores.

Que saibamos exercitar a persistência na nossa vida quotidiana e desenvolvamos, cada vez mais, a capacidade de realizar os nossos objetivos e de alcançar os resultados que desejamos.

Não esperemos que tudo esteja certo a todo o tempo. Nunca tudo vai estar perfeito. Sempre haverá desafios, obstáculos e condições imperfeitas. O perfeccionismo, às vezes, é paralisante. Se ficarmos sempre **à espera** do tempo perfeito, da pessoa perfeita, da forma perfeita, corremos o risco de nada fazer senão **esperar**. Os nossos resultados são fruto das nossas ações, do nosso empenho, da nossa coragem, mas também dos sucessos e insucessos da nossa história de vida. Temos, então, que aprender a viver o tempo que temos, o que nos calhou em sorte, e equilibrar continuamente a paciência com a inquietação, a tolerância com a obstinação, a partilha com o voluntarismo, o trabalho árduo com o merecido descanso e lazer.

A Universidade caracteriza-se por estar continuamente a fazer perguntas. E a tentar dar respostas às perguntas que faz. É essa a história do conhecimento. A humanidade precisa de pessoas que estejam dispostas a dedicar a sua vida a fazer perguntas, perguntas difíceis, muitas vezes perguntas incómodas - pessoas que estejam dispostas a trabalhar afincadamente para aperfeiçoar este mundo imperfeito em que vivemos - pessoas que se importem mais com os outros do que com elas próprias.

Mesmo que não compreendamos as pessoas e não concordemos com elas, devemos sempre lembrar-nos que todos têm o direito a expressar-se e a dar a sua opinião. Podemos até mudar de opinião e, de facto isso acontece, mas que não seja nunca pela ameaça e pela intolerância dos outros. Devemos resistir a todas as formas de autoritarismo. O diálogo e o respeito são fundamentais nas relações e ajudam-nos a trabalhar em conjunto, a chegar a um acordo **e à paz**.

Como nos recorda Carlos Drummond de Andrade, “O cofre do banco contém apenas dinheiro; frustra-se quem pensar que lá encontrará riqueza”. De facto, a verdadeira riqueza e abundância não se encontram nos cofres dos bancos. A riqueza e a abundância, são o resultado do equilíbrio de diversas facetas que compõem a vida de um indivíduo: pessoal, profissional, e a qualidade dos seus relacionamentos. A riqueza de uma pessoa encontra-se no que ela mais valoriza e, geralmente, isso não se refere às coisas materiais. Refere-se, antes, às relações que cultiva, à alegria que encontra no seu modo de ser e estar, à capacidade de se sentir livre perante as correntes que a tentam ligar às coisas e à utilidade do que faz para os outros.

O Programa de Ação com que me apresentei às eleições para Reitor, pressupõe uma visão do contexto em que se situa a U. Lisboa. No fulcro desse programa estão as pessoas que trabalham e estudam na Universidade. São elas que, em primeiro lugar, estão no meu pensamento.

A Universidade tem a missão fundamental de educar as futuras gerações, conferindo competências e contribuindo para a maturidade cívica dos seus estudantes através do desenvolvimento do conhecimento e de valores de

cidadania. Muitos jovens do mundo inteiro procuram a Universidade em busca do conhecimento e do saber fazer que lhes permita desfrutar de uma vida cheia e bem-sucedida. É nossa obrigação criar as condições para que esse sucesso seja alcançado em termos de realização pessoal e do impacto positivo que venham a ter na sociedade e no Mundo.

Dada a profundidade, amplitude, experiência e reputação da Universidade, não é de estranhar que as pessoas esperem dela respostas imediatas a problemas de enorme complexidade, da mesma forma que esperam soluções para as velhas questões da humanidade, de caráter filosófico e teológico.

As universidades não podem, de per si, superar os graves desafios da saúde pública, das migrações, resolver a crise climática, as desigualdades económicas, sociais e de género, os problemas que enfrentam os nossos jovens com empregos escassos e precários, a insegurança alimentar, a sustentabilidade do planeta e das sociedades, **mas as universidades podem**, seguramente, dar contributos valiosos e decisivos para a resolução de todos estes problemas:

- Oferecendo uma visão sobre as causas dos grandes problemas do nosso tempo, e simultaneamente identificando estratégias eficazes de superação ou de, pelo menos, mitigação e adaptação;
- Defendendo a educação, a arte e a cultura;
- Analisando as estruturas económicas, políticas e sociais que impedem a mobilidade social e propondo alterações eficazes.

A organização da ULisboa, apresenta a singularidade de conciliar uma grande autonomia das suas Escolas com o compromisso de um trabalho crescentemente colaborativo. A autonomia das Escolas não é um capricho. Só ela garante mais flexibilidade e agilidade, e, ao mesmo tempo, fomenta a partilha de boas práticas e de projetos partilhados, nascidos da vontade das suas Escolas de trabalhar em conjunto. A U. Lisboa será tanto mais forte quanto as suas Escolas o forem. Não só pela soma das suas forças, mas pela potenciação dessas forças para realização de **uma obra conjunta**.

A U. Lisboa continuará a incentivar a reconversão de competências e a estimular aprendizagens ao longo da vida, criando as melhores condições e perspectivas de carreira a todos os que estudam e trabalham na Universidade, pois só assim conseguiremos cumprir plenamente a nossa missão.

- Tudo faremos para tornar a ULisboa num pólo de pensamento estratégico em Portugal e no Mundo;
- Continuaremos a trabalhar na difusão e defesa da língua e da cultura portuguesas, e a fortalecer a ligação da Universidade à Sociedade;
- Fomentaremos todas as formas de colaboração e de partilha que contribuam para a criação de maior Justiça Social e de uma sociedade mais solidária e democrática.
- Lutaremos por nos afirmar, todos os dias, como uma Universidade de investigação, para modernizar os processos de ensino-aprendizagem e valorizar os nossos diplomas.

- Continuaremos a apostar na internacionalização, ampliando os programas de mobilidade.
- Continuaremos a garantir que a Universidade é um espaço de liberdade, tolerância e inclusão, onde todas as pessoas têm o direito a aceder, expressar as suas ideias e procurar a sua realização pessoal e profissional.

As lições aprendidas com os desafios recentes devem preparar-nos para um tempo pós-pandémico.

- É quase certo que trabalharemos de forma diferente e mais deslocalizada, com maior recurso às tecnologias digitais.
- As nossas agendas e projetos de investigação serão cada vez mais determinados pelas preocupações do nosso tempo relativamente aos grandes problemas sociais.

Estaremos sempre atentos à nossa envolvente próxima. Seremos uma voz incómoda sempre que sentirmos a nossa ação cerceada pelos poderes políticos ou quaisquer interesses alheios à nossa missão. Lutaremos por Orçamentos de Estado que respeitem a nossa autonomia e a nossa importância para o futuro de Portugal; por leis e estatutos mais modernos e ambiciosos; pelo fim da precaridade laboral dos nossos docentes, investigadores e trabalhadores técnicos e administrativos.

São conhecidas as necessidades urgentes de alojamento para os estudantes. Não compreendemos que o Governo não tenha, ainda, lançado o concurso para o financiamento da construção de residências, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência, como nos foi prometido.

Acompanhamos, também, com perplexidade e muita preocupação o desenrolar dos concursos referentes ao Impulso Jovem e Impulso Adulto do PRR. É essencial garantir o princípio do financiamento baseado no mérito dos projetos, que não pode ser substituído por quaisquer razões de estratégia política, não espelhadas nos respetivos editais, que previam o financiamento de projetos entre 2 e 40 M€. Não é, por isso, aceitável que o projeto mais bem classificado não venha a ser financiado no valor máximo previsto. A nossa proposta contempla a duplicação de vagas em 10 dos cursos com médias de entrada mais altas, até 2025. Uma redução significativa do financiamento impossibilita que possamos dar resposta aos excelentes estudantes que nos procuram. **Atendendo ao que se conhece sobre o processo negocial, questionamos sobre o real propósito deste concurso.** Acresce que, em qualquer caso, o valor disponibilizado para o ensino superior está muito aquém do que seria expectável, justo e correspondente ao interesse nacional.

As universidades públicas portuguesas têm dado provas de ser solidárias com as dificuldades do País. Têm também dado provas de que sabem usar de forma rigorosa os recursos postos à sua disposição. Que têm sabido restituir à Sociedade, de forma multiplicada, cada euro nelas investido. É, pois, incompreensível que o Orçamento de Estado atribua uma dotação para as Universidades inferior em 30% ao que concedia em 2009 e que a sua distribuição

pelas Instituições de Ensino Superior continue a não se basear na fórmula de financiamento.

Mesmo após uma recomendação do Tribunal de Contas para que, nos termos da Lei, seja aplicada a fórmula de financiamento, foi entendimento da tutela que a aplicação da mesma a apenas 0,5% do valor da dotação do OE seria suficiente para garantir o cumprimento da lei e desta recomendação.

Na ocasião em que se discute a proposta de Orçamento de Estado para 2022, e se prevê uma justa, mas insuficiente valorização salarial da função pública, estamos certos que o Governo não deixará de cumprir o contrato de legislatura com as Universidades reforçando os seus orçamentos.

Durante o próximo ano teremos finalmente o Pavilhão de Portugal modernizado e adaptado às reais necessidades da Universidade, da cidade e do País. Será um local único para a promoção da ciência e do trabalho que se realiza nas Universidades Portuguesas. Permitirá, ainda, multiplicar a oferta cultural da universidade, que este ano contará com uma temporada de música vasta e diversificada, sem esquecer outras expressões artísticas, designadamente ciclos de teatro e cinema, atividades expositivas e artes do palco.

Quero acabar esta alocução como comecei.

Agradecendo ao Conselho Geral pela confiança que depositou em mim;

Na pessoa do Prof. João Azevedo, agradeço a todos os colegas e amigos que me apoiaram e participaram ativamente nesta caminhada.

Quero agradecer à equipa do Reitor António Cruz Serra, que ao longo destes 2 mandatos permitiram que a dureza do trabalho desenvolvido fosse amplamente amaciada pela sua ajuda e amizade. São eles, por ordem alfabética: a Ana Simões, a Ana Maduro, o António Feijó, o Carlos Ribeiro, o Carlos Mesquita, a Dulce Domingos, o Eduardo Pereira, a Isabel Rocha, o João Barreiros, o João Ferrão, o Pinto Paixão; o Pedro Mil-Homens, o Rogério Gaspar e o Vítor Leitão. Estes agradecimentos são extensíveis a todos os Presidentes e Diretores das Escolas e a todos os trabalhadores técnicos e administrativos dependentes do Reitor, a saber: Serviços Centrais, Serviços de Ação Social, Estádio Universitário e os Museus da Universidade.

Para o Sr. Reitor, Prof. António Cruz Serra, não tenho (permita-me que fale também em nome dos colegas mencionados), não temos palavras para lhe exprimir a nossa admiração, a nossa estima e o nosso profundo agradecimento por nos ter proporcionado esta jornada palmilhada em conjunto. O trabalho e os ensinamentos que retirámos do seu exemplo foram muitos – mesmo nas alturas de cansaço físico, nunca lhe vimos um momento de desânimo, um momento de fraqueza ou de falta de determinação. A sua disposição para ouvir as nossas opiniões e, **com elas alterar as suas**, mostraram não só o profundo respeito pelos outros, como a sua capacidade de construir equipas coesas e empenhadas.

A Universidade Portuguesa e, em especial a nossa Universidade têm uma enorme dívida de gratidão para consigo.

Caro António: já estamos a sentir a tua falta, mesmo sabendo que estarás sempre disponível para nos continuar a ajudar com os teus conselhos e com a tua profunda sabedoria. Muito obrigado.

Quero agradecer, sentidamente, aos colegas que hoje comigo iniciam funções como vice-reitores e pró-reitores e ao administrador de ação social. O que mais desejo para vós, é que um dia possam vir a sentir o que neste momento eu sinto pelo António Cruz Serra. Uma saudade imensa expressa no presente.

Para a minha mulher, a Marília, os meus filhos, João, Pedro e Ana e as minhas netas, Benedita e Margarida, e também para a Sónia, a Rita e o Tiago, vai um abraço muito agradecido e sentido.

O meu agradecimento vai também para a minha Escola de sempre, a Faculdade de Medicina Veterinária, aqui representada pelo Prof. Rui Caldeira, e para o belo projeto de empreendedorismo que dela nasceu, aqui corporizado pelo colega e especial amigo Prof. Carlos Fontes.

Hoje, como sempre, a U. Lisboa continuará a contribuir para a construção de um Portugal mais justo, mais aberto, mais orgulhoso de si próprio e mais capaz de ter uma palavra ativa no mundo. De ser capaz de ajudar o Estado, a economia e as empresas a resolverem os seus problemas e, acima de tudo, de estimular uma vontade transformadora em cada homem e mulher, num País mais justo e com mais e melhores oportunidades para os seus cidadãos.

Cumprindo a sua missão, a ULisboa continuará certamente a dar forma ao seu lema “**Universidade de Lisboa, de Lisboa para o Mundo**”. Muito obrigado.